

**ÁFRICA,
PRESENTE!**
NEGRITUDE E LUTA
ANTIRRACISTA



AS MENTIRAS DO OCIDENTE

Coordenação e organização deste volume da coleção:

Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca

**SELO
NEGRO**

EDIÇÕES

AS MENTIRAS DO OCIDENTE
Copyright © 2022 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Coordenação editorial: **Carlos Tranjan / Página Viva**
Preparação: **Cely Carmo Giraldes**
Capa, projeto gráfico e diagramação: **José Rodolfo Arantes / Página Viva**
Revisão: **Denise Camargo e Andrea Souza**

Selo Negro Edições

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.selonegro.com.br>
e-mail: selonegro@selonegro.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação da coleção	7
Apresentação deste volume	10
1. Ptahhotep e a filosofia como modo de vida	15
Renato Nogueira e Alexandre de Lourdes Laudino	
2. O Ocidente mente — uma mente por detrás do Ocidente — a “ciência”	30
Dagoberto José Fonseca	
3. Pós-eurocentrismo e democracia africana: perspectivas a partir do pensamento africano contemporâneo	63
Muryatan S. Barbosa	
4. Maât-Ubuntu como paradigma para pensar a unidade, a diversidade e a emancipação africanas	81
Bas’Ilele Malomalo	
5. Afroperspectiva: uma proposição teórico-metodológica	97
Tatiane Pereira de Souza	
6. Angolanidade: afirmação consciencial da africanidade	122
Patrício Batsíkama	
7. Ecologias da proteção e da (lou)cura no contemporâneo dogon: narrativas e poéticas	138
Denise Dias Barros	
8. Os corpos coletivos contracoloniais e a resistência ancestral	171
Kowawá Kapukaja Apurinã e Bruna Jeguakai Nhandeva Charrúa	

Apresentação da coleção

A **Coleção África, presente! Negritude e luta antirracista** nasce do esforço sincero, do desprendimento e da humildade de intelectuais, estudiosos, pesquisadores e professores de diversas universidades e instituições de pesquisa científica e de ensino universitário do Brasil e do exterior. A meta é problematizar, ampliar, aprofundar, construir diálogos e produzir um maior conhecimento científico sobre séculos de história, contando para isso com autores oriundos de inúmeras e variadas comunidades étnicas e culturas presentes no Brasil e em outras regiões do planeta, especialmente no continente africano.

Inspirada na coleção História Geral da África, trabalhada desde 1964 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a presente coleção pretende ser um espaço de produção e divulgação do pensamento não hegemônico acerca de africanos, afro-brasileiros e indígenas, construindo assim novas categorias, outras metodologias, interpretações pioneiras, análises inéditas e conceitos autênticos da nossa realidade social.

Assim, visa legitimar o pensamento destituído de paradigmas, conceitos e metodologias euro-ocidentais e se contrapor a essas bases que tanto contribuíram para fomentar e aprofundar os racismos e suas vertentes mais funestas em todas as esferas da sociedade. É nosso objetivo também propiciar a reescrita da história dos povos escravizados — inclusive antes da chegada dos conquistadores europeus —, a fim de sistematizar os valores civilizatórios, as culturas e as formas de expressão dessa humanidade inegavelmente filha da África.

Problematizar o etnocentrismo presente na diversidade de instituições, teorias e métodos da ciência é um dos motes desta coleção, sobretudo porque boa parte do conhecimento que foi difundido e abrilhantou pessoas, instituições e agências do pensamento euro-ocidental foi aprisionada, sequestrada, pirateada, surrupiada e traficada, na maioria dos casos usurpada de forma violenta. Mais tarde, esse conhecimento se transformou em produtos patenteados em algumas poucas nações, autodenominadas desenvolvidas — as mesmas que vivenciaram por séculos a compra de corpos e de saberes de outros povos originários e de grupos étnico-raciais presentes na América, na Ásia, na Oceania, na Europa eslava e, em especial, na África.

Dessa forma, os autores desta coleção, individual e coletivamente — cada um a seu modo, mas com rigor acadêmico e científico —, estão construindo uma crítica cultural e política à razão euro-ocidental e abrindo um canal epistêmico para a sistematização de uma contra-hegemonia de base negra-indígena, questionadora da ciência brancocêntrica euro-americana-ocidental. Assim, trata-se de uma fortaleza dinâmica que se projeta contra os racismos embasada na ciência, com teorias sustentáveis, evidências e inferências legítimas e análises fidedignas.

É importante desfazermos erros e pseudoverdades científicas que foram construídos por séculos a fim de suprimir corpos, subjugar povos e escravizar mentes com base no uso de uma ciência cujo objetivo principal sempre foi manipular fatos em prol da hegemonia de um pequeno grupo de pessoas, quase sempre brancas. Em suma, aqui reunimos o trabalho de pesquisadores, cientistas e intelectuais de diversas áreas e nacionalidades que se dedicam a construir uma nova identidade coletiva pautada nos valores civilizatórios das negritudes antigas e novas, bem como nas lutas antirracistas que têm sido protagonistas no continente africano e nas inúmeras Áfricas que estão em tantos corpos e mentes mundo afora.

As imemoriais pinturas rupestres e os antigos escritos decodificados em papiros, pergaminhos, paredes de rochas, cavernas e pedras — como a Pedra de Rosetta —, bem como as publicações científicas atuais, impressas e digitais, revelam como o conhecimento científico produzido em vastas regiões do planeta nos leva ao legado africano para toda a humanidade de ontem, de hoje e de amanhã. Ainda assim, muitos são os que desconhecem essa realidade científica, sobretudo por não terem tido a oportunidade de aprender essa ver-

dade quando eram estudantes dos diversos níveis de ensino. Nem mesmo no continente africano crianças, jovens e adultos têm acesso a essas informações e a uma formação científica que forneça essa aprendizagem.

É importante salientar que se construiu ao longo de séculos uma invisibilidade e um silêncio sepulcral perante o conhecimento científico, tecnológico, cultural e filosófico africano. Tanto que as conquistas e contribuições de cientistas como Cheikh Anta Diop ainda são vistas como ousadas em pleno século XXI por apresentarem as ricas e vigorosas dinastias do Egito antigo — ou melhor, as civilizações que fizeram o grande império do Kemet florir em todo seu apogeu na África Setentrional e que impactam até hoje o pensamento científico e filosófico contemporâneo, atingindo em cheio a Europa, a Ásia, a Oceania e a América.

Talvez uma das formas mais emblemáticas para superar esse desconhecimento abissal sobre a centralidade africana no conhecimento humano seja justamente começarmos a repensar nossa condição social, psíquica e cultural de animal que fomos, somos e estamos, como já apontaram diversos cientistas — de Charles Darwin, com sua teoria da origem das espécies, em uma perspectiva evolucionista, a Edgar Morin, com seu método da complexidade. Há também os avanços científicos e a certeza dessa verdade insofismável que nos foi dada pelos resultados colhidos em definitivo pelo Projeto Genoma e tornados públicos pelos cientistas James D. Watson, Felipe Fernández-Armesto e Luigi Luca Cavalli-Sforza, entre outros, sobre nossa monogenia — isto é, nossa origem comum africana.

Apresentação deste volume

O volume 1 desta coleção busca descortinar as bases sociais, culturais, econômicas, filosóficas, políticas e intelectuais que sustentaram o pensamento euro-ocidental a partir de pseudoverdades e que propiciaram a constituição de uma ciência fundada no próprio etnocentrismo europeu.

O eurocentrismo científico formulou hierarquias de saber e conhecimento que fomentaram conquistas, violências e usurpações ao longo de um processo histórico carregado de ideologias que sistematizaram o racismo, a xenofobia, a misoginia e a morte de grupos e povos de referências étnico-raciais distintas em vários continentes, sobretudo na África e na América.

Nesse sentido, a presente obra aponta diferentes caminhos teórico-metodológicos e novas bases epistêmicas e paradigmáticas a partir do continente africano. Também traz para o diálogo a produção e o conhecimento das populações indígenas originárias do Brasil, a fim de contribuir com o processo de construir novos — ou não tão novos — referenciais para o saber-fazer-saber sistêmico que ora chamamos também de ciência.

O primeiro capítulo, de Renato Noguera e Alexandre de Lourdes Laudino, versa sobre a obra e os ensinamentos de Ptahhotep, um dos grandes filósofos da antiga civilização kemética, que viveu na V Dinastia do Reino Antigo do Kemet (atual Egito). O texto aborda de modo crítico, analítico e interpretativo as bases do pensamento africano e da conduta ética e moral a partir das

máximas, dos conselhos e dos ensinamentos de bem-viver desse filósofo, vizir e conselheiro do faraó Djedkare-Isesi (cerca de 2500 a.C.).

Renato e Alexandre demonstram como, a partir de Ptahhotep, pode-se falar de uma filosofia que atingiu e influenciou o pensamento greco-romano, especialmente quando o aproximam de Epicteto, filósofo grego que nasceu na condição social de escravizado e foi considerado um dos ícones do estoicismo. Os autores dialogam com filósofos e cientistas de diversas regiões do continente africano e da contemporaneidade para construir, partindo do pensamento do filósofo da antiga civilização kemética, as bases da filosofia e da cosmovisão africanas, a fim de problematizar, aprofundar e ampliar os estudos e as reflexões sobre os valores civilizatórios africanos e sua contribuição para toda a humanidade. Desse modo, desnudam o pensamento belicista europeu e apresentam uma filosofia africana do entendimento, da compreensão e do diálogo permanentes.

No segundo capítulo, Dagoberto José Fonseca aborda as concepções, narrativas, histórias, culturas e mentalidades formativas do pensamento euro-ocidental com base em metodologias, teorias, paradigmas, ideologias e mitos que o constituíram como valor civilizatório. De forma direta, o autor demonstra como esse eurocentrismo foi sendo inventado. Calçados em mentiras, constituíram-se o exclusivismo eurocêntrico, a exclusão e a eliminação da diversidade, bem como a concepção de pensamento único e verdadeiro.

O capítulo descortina e desmonta a falácia que serviu aos colonialismos, aos escravismos, aos imperialismos, aos capitalismo, aos socialismos, aos neoliberalismos, aos globalismos, aos racismos, aos genocídios, aos feminicídios e aos cientificismos de caráter supremacista, inclusive tendo como linhas de transmissão desses pensamentos instituições formativas, educativas e ditas científicas.

No terceiro capítulo, Muryatan Santana Barbosa aponta as ideologias euro-ocidentais como fatores de constituição de um pensamento único e em flagrante disputa por hegemonia, o que se contrapõe ao pensamento científico e político existente na África — especialmente a Subsaariana —, onde se aceita e se respeita a diversidade e a pluralidade como parte do processo de conquista do consenso coletivo. Desse modo, ele articula essa visão da cultura política africana com o postulado da democracia africana, que inspirou os gregos e permanece até os dias atuais.

Dialogando com as obras de pensadores e políticos africanos, o autor traça o perfil do pensamento político africano a partir de uma conjuntura que

envolve disputas, convergências e alianças, oferecendo uma leitura de mundo autônoma e plural sobre identidade africana, negritude política e democracia nos moldes tradicionais e modernos a partir das diferentes realidades que as nações africanas experimentaram no contexto da Guerra Fria e das lutas independentistas, tensionadas e incentivadas pelo pan-africanismo africano.

O quarto capítulo, escrito por Bas’Ilele Malomalo, problematiza os conceitos de unidade e diversidade cultural africanas a partir do pensamento de Cheikh Anta Diop, mas também recorre a conceitos e categorias africanas para analisar as bases filosóficas e ontológicas da cultura africana — como Maât e Ubuntu —, sobretudo a produzida e difundida pelos povos etnolinguísticos de matriz bantu.

Nesse sentido, o autor aprofunda-se no conhecimento dos povos bantus, ou melhor, de suas cosmopercepções acerca das articulações entre unidade e diversidade presentes nas práticas culturais endógenas africanas que sofreram diante das conjunturas sociais oriundas dos escravismos e das demais violências perpetradas pelo universo cultural europeu, sem, no entanto, perder sua lógica primária e marcadamente preservada pelos valores civilizatórios da ancestralidade.

No quinto capítulo, Tatiane Pereira de Souza provoca uma reflexão crítica e epistêmica acerca de como tratarmos a África não em uma perspectiva singular, mas multifacetada, que permite referenciá-la como Áfricas, a continental e as além-mar, espalhadas pelo mundo. Áfricas diversas, eméritas, pluriversais — para tanto, ela aborda com essas referências um método compreensivo, dialógico e interdisciplinar baseado na afroperspectiva.

A autora apresenta essas Áfricas sustentada por uma epistemologia e uma perspectiva teórica e metodológica em diálogo permanente com estudiosos, filósofos, historiadores e cientistas sociais da América Latina, da África e de outras regiões do mundo. Entre eles estão pensadores do movimento panafricanista. Dessa forma, propicia um olhar novo e crítico ancorado na afroperspectiva como método e teoria vinculados às realidades sociais e às culturas de raiz africana que expressam uma identidade negra como parte do nosso legado civilizacional.

Patrício Batsíkama, autor do sexto capítulo deste volume, aborda de modo crítico os diversos impérios e reinos africanos, dando ênfase ao Reino do Kôngo e aos demais reinos que formaram o atual país que é Angola. Elabo-

ra um panorama sobre os impactos dos escravismos e dos colonialismos que permanecem até o momento atual — e de diferentes formas atingem as várias sociedades africanas, especialmente a angolana.

O autor explora as questões associadas às violências produzidas pelas diversas instituições sociais, políticas, econômicas, culturais e filosóficas difundidas e aplicadas pelas nações da Europa Ocidental, particularmente após o século XV. Elas marcaram os processos de constituição das identidades coletivas que foram sustentadas, a partir de um amplo movimento de conscientização da realidade social, pelo conceito político-ideológico de negritude.

No sétimo capítulo da obra, Denise Dias Barros analisa as relações comunitárias, familiares e ancestrais das sociedades africanas, sobretudo a partir da convivência no cotidiano relacional da etnia dogon, no Mali. Com perspicaz capacidade etnográfica, a autora penetra no universo sociocultural dogon e estabelece contato com os anciãos, os *griots* e os conhecedores dos tratamentos de saúde-cura acerca da loucura, bem como com aqueles que fazem da saúde coletiva uma dimensão de cultivo e de respeito aos saberes da medicina e dos valores tradicionais.

De maneira lúdica, Denise transita por narrativas poéticas, interroga os tratamentos e os saberes médicos presentes milenarmente na cultura comunitária dogon e aponta, com base nesse grande cabedal de conhecimento científico antigo sobre as doenças, as curas da loucura. Ao abordar os tratamentos de saúde e atendendo aos valores culturais e civilizatórios dos dogons, ela também expressa as dimensões sociais, culturais, políticas, econômicas, mágicas e sagradas vinculadas à cosmovisão africana dessa etnia.

O oitavo capítulo deste volume é escrito por duas mulheres indígenas de etnias brasileiras distintas, Kowawá Kapukaja Apurinã e Kunhã Jeguakai Nhandeva Charrúa, a primeira uma apurinã; a segunda, uma guarani nhandeva. A abordagem é rica de poesia e de metáforas do universo cultural e semântico indígena, mas também de denúncia e de resistência. As autoras tratam das lutas que os povos indígenas têm realizado, no Brasil e em todo o continente americano, por suas terras e seus territórios ancestrais, sagrados e milenares; por seus corpos biológicos, culturais e políticos, que são contracoloniais; e contra o projeto de morte das identidades étnicas e coletivas posto em prática por governos assassinos que dão continuidade ao ideário escravista, expropriador e violento de grupos e das nações capitalistas.

Assim, elas falam de resistência — logo, de vida e de esperança — e estabelecem um contraponto entre os valores civilizatórios das nações indígenas e aqueles dos povos euro-ocidentais. Dialogando com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos e Davi Kopenawa Yanomami, entre outros, elas mergulham no conceito ancestral de esperança, no respeito à sustentabilidade do planeta e nos conhecimentos dos antigos — contrapondo-se à cultura euro-ocidental, pautada na destruição e na morte.

1. Ptahhotep e a filosofia como modo de vida

Renato Nogueira e Alexandre de Lourdes Laudino

A pergunta “o que é filosofia?” é insistentemente feita para iniciantes no campo e, em certa medida, revitalizada a todo momento por intelectuais experientes da área. Não existe uma maneira única de enfrentarmos essa interrogação. Aqui, escolhemos abordar o problema trazendo para o diálogo um filósofo antigo: Ptahhotep, pensador do Kemet.

Como o pensamento kemético não é tão popular quanto o grego nos manuais de filosofia, cabe uma contextualização. Com base em leituras de Cheik Anta Diop (1974, 1983), George James (2005) e Molefi Asante (2000), situaremos brevemente o cenário histórico em que o filósofo viveu. Ptahhotep foi vizir da V Dinastia do Reino Antigo do Kemet (c. 2414-2375 a.C.), um filósofo com formação clássica nas Per Ankh — escolas que formavam filósofos, escribas, médicos, arquitetos, administradores e todo tipo de atividades que podemos chamar de “intelectuais”.

De acordo com o historiador e filósofo francês Pierre Hadot (2004), o discurso filosófico na Antiguidade estava subordinado à forma como o filósofo vivia; portanto, “é necessário reconhecer que a escolha do filósofo determina seu discurso” (p. 21). Se havia algo a que devesse ser fiel, nesse caso, era a seu modo de vida. Portanto, não se pode considerar os sistemas e/ou as atividades filosóficas produções em si e válidas por si; antes de tudo, é preciso analisar a forma como viveu tal filósofo. Portanto, a filosofia está vinculada à vida do filósofo, configurada, e não há possibilidade de compreendê-la sem antes entender o vínculo entre a atividade filosófica e a vi-



Busto de Ptahhotep, filósofo que viveu durante a V Dinastia do Reino Antigo do Kemet (Egito antigo).

vência do filósofo na prática de tal atividade. Ou seja, “[não] pode-se separar o discurso de Sócrates da vida e da morte de Sócrates” (Hadot, 2004, p. 21).

Antes de a cultura grega, uma das bases mais celebradas do Ocidente, ser reduto de textos filosóficos, os africanos, especialmente no Kemet, já produziam discursos que estavam vinculados a modos de vida (Asante, 2000; James, 2005). Eduardo David de Oliveira (2006, p. 166-7) argumenta em favor do fazer filosófico como conduta.

Filosofia é antes de tudo uma ética, uma conduta frente aos outros, uma atitude frente ao mundo e a nós mesmos. [...] A Ética é uma atitude que se tem diante do outro: outro animal, vegetal, divindade. Essa atitude é organizada de acordo com a forma cultural do grupo. É ética a atitude que preserva as formas culturais do grupo. [...] A ética é mais que princípios que orientam as ações, ela é em si mesma uma atitude. A ética de matriz africana não se queda submissa aos filósofos de gabinete, aos chefes de Estado, ao sacerdócio religioso etc. Ela é um patrimônio coletivo fabricado em larga escala de tempo. [...] A filosofia africana, como dissemos, é antes de tudo uma ética. Desenquadrada dos moldes da filosofia clássica, medieval e moderna, a filosofia de matriz africana abre-se para várias possibilidades.



Hieróglifos antigos egípcios em parede de pedra.
Em destaque, o símbolo da Per Ankh.



Símbolo da Per Ankh
(Escola de Vida).

Pois bem, quando o assunto é filosofia africana, sem dúvida nomes como George James (2005), Cheik Anta Diop (1974), Théophile Obenga (2004) e Molefi Kete Asante (2000) são incontornáveis.

O trabalho mais conhecido de James se chama *Stolen legacy: the Greek philosophy is a stolen Egyptian philosophy* [Herança roubada: a filosofia grega é um roubo da filosofia egípcia]. O título da obra já é contundente e não faltam comentários que apontem possíveis exageros na obra. Porém, a leitura cuidadosa do trabalho, seguramente ainda pouco feita nos circuitos acadêmicos, pode certamente dirimir algumas confusões por conta de leituras enviesadas. Existe o mérito do trabalho de James ser uma provocação incisiva contranarrativa e anti-hegemônica. Na tese jamesiana, o “legado furtado” significa que os primeiros filósofos gregos têm uma dívida impagável com os filósofos egípcios, que permanecem pouco conhecidos e raramente aparecem nos manuais e compêndios de história da filosofia. (Nogueira, 2011, p. 23)

Seguindo uma perspectiva semelhante, temos a obra do intelectual Molefi Kete Asante (2000). Em seu livro *The Egyptian philosophers* [Os filósofos egípcios], o autor apresenta de forma sintetizada a filosofia do Kemet, bem anterior aos textos gregos. Em sua pesquisa, ele discorre sobre a cronologia dos primeiros filósofos de que se tem notícia em escala global. O autor dedica-se ao